



## Reimaginar o passado para reconfigurar o presente

### *Reimagine the past to reconfigure the present*

Camila Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
ccamilacarvalho45@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5170-0283>

**Resumo:** Tomando como ponto de partida a noção de realismo capitalista cunhada por Mark Fisher, este trabalho elabora uma leitura de “Los estigmas del cuerpo”, ensaio publicado pela escritora chilena Diamela Eltit quando da comemoração dos 25 anos do golpe de Estado chileno. O artigo está estruturado em três partes: na primeira, apresentamos o conceito de realismo capitalista, bem como a crise de imaginação que ele expressa; na segunda, com o objetivo de demonstrar como o realismo capitalista se apresenta no contexto chileno, recuperamos o conhecido discurso de Patrício Aylwin proferido em 1991 por ocasião da reabertura do Congresso Nacional; e, finalmente, na terceira parte, apresentamos uma leitura do ensaio de Eltit com o intuito de, por um lado, demonstrar o modo como a autora recompõe o vínculo que o realismo capitalista – expressão ideológica do neoliberalismo – estabelece com a operacionalização do esquecimento; e, por outro, de que maneira ela elabora seu enfrentamento.

**Palavras-chave:** neoliberalismo; ditadura chilena; realismo capitalista; memória; Diamela Eltit.

**Abstract:** Taking as a starting point the notion of capitalist realism coined by Mark Fisher, this paper elaborates a reading of “Los estigmas del cuerpo”, an essay published by the Chilean writer Diamela Eltit on the 25th anniversary of the Chilean coup d’état. The article is structured in three parts: firstly, we present the concept of capitalist realism, as well as the crisis of imagination it expresses; in the second part, with the aim of demonstrating how capitalist realism presents itself in the Chilean context, we recover the well-known speech given by Patricio Aylwin in 1991, on the occasion of the

reopening of the National Congress; and finally, in the third part, we present a reading of Eltit's essay with the intention of, on the one hand, demonstrating the way in which the author re-establishes the link that capitalist realism – the ideological expression of neoliberalism – establishes with the operationalization of forgetting, and on the other hand, how she elaborates her confrontation.

**Keywords:** neoliberalism; Chilean dictatorship; capitalist realism; memory; Diamela Eltit.

## 1 Um certo tipo de imaginação histórica

“É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”. O slogan inscrito na capa da obra de Mark Fisher<sup>1</sup> funciona quase como uma definição para o conceito que lhe dá título: o que o “realismo capitalista” expressa é uma crise de imaginação. Imersos num sistema repleto de contradições – mas carente de efetivo antagonismo –, somos levados a presumir sua inevitabilidade. Instruídos a renunciar à luta, abraçamos a impotência. Esgotados, acabamos por consentir, ainda que relutantes, com o atual estado das coisas. Aceitando que o futuro fracassou, asseveramos a inocuidade do passado. Convencidos de que não há nada a fazer, nos resignamos a transitar adoecidos pelo irremediável presente.

Fisher desenha um conceito cuja figura poderia ser a de um espelho circense: o reflexo é uma imagem distorcida que apresenta como realidade o que é ideologia. Funcionando menos como um diagnóstico que como uma conquista política, o realismo capitalista é uma “atmosfera penetrante que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação – *agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando a ação*” (Fisher, 2020, p. 33, grifo nosso). Para enfrentar esse processo de colonização do corpo e do pensamento não basta, contudo, denunciar o mal-estar que ele provoca: o papel da ideologia capitalista, adverte Fisher, “não é o de fazer a defesa explícita de nada, mas ocultar o fato de que as operações do capital não dependem de nenhum tipo de subjetividade ou crença”

---

<sup>1</sup> Referimo-nos ao livro *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Cf. Fisher (2020).

(Fisher, 2020, p. 12). A ideologia do capitalismo em geral, continua o autor na esteira de Slavoj Žižek,

consiste precisamente em supervalorizar a crença – no sentido de atitude subjetiva interior – a despeito das crenças que exibimos e exteriorizamos em nossos comportamentos. Contudo que acreditemos (em nossos corações) que o capitalismo é mau, somos livres para continuar participando da troca capitalista. De acordo com Žižek, o capitalismo em geral se apoia em uma estrutura de denegação. Acreditamos que o dinheiro é apenas uma convenção sem sentido, desprovido de valor intrínseco, no entanto, agimos como se possuísse um valor sagrado. Pior, esse comportamento depende da negação inicial – só somos capazes de fetichizar o dinheiro em nossas ações porque já tomamos uma distância irônica em relação a ele em nossas cabeças. (Fisher, 2020, p. 26-27).

Menos interessado em apresentar-se como a melhor opção que em afirmar-se como a única alternativa, a esse sistema não há nada mais rentável que questionar a si mesmo. Daí que Fisher considere temerário um enfrentamento que se perfaça por meio da crítica moral.<sup>2</sup> Evocar a relação direta que, de fato, o capitalismo estabelece com a geração da pobreza, da fome ou da violência – elaborando essas questões de maneira restrita o suficiente para evidenciar um traço estrutural *desse* modo de produção, mas generalizado o bastante para obstar sua redução a mera contingência – é uma estratégia não só prevista, como também facilmente neutralizável pelo próprio sistema. Isso porque, sugere Fisher, sua eficiência não está vinculada nem à sua capacidade de relativizar os problemas que produz, nem à sua habilidade retórica para atribuí-los a outrem. Ao realismo capitalista não interessa negar a existência da pobreza, da fome ou da violência, mas antes, apresentá-las como aspectos *incontornáveis* da realidade em si mesma: *convertendo* suas contradições em pura inevitabilidade, essa ideologia pode *subverter* “a esperança de um dia eliminar tais formas de sofrimento” em mero “utopismo ingênuo” (Fisher, 2020, p. 33). Mas não por acaso. Somente quando aprendemos a ignorar a potência do impossível, tornamo-nos capazes de aceitar que o estado atual das nossas formas de vida é, por princípio, imutável. Apenas quando estamos convencidos de que não há alternativa, podemos consentir com os limites burocráticos da possibilidade.

---

<sup>2</sup> Cf. Fisher (2020, p. 33)

Embora se trate do *modus operandi* do capitalismo neoliberal – e que, portanto, nos afeta a todos de modo amplo e geral –, talvez não seja exagero afirmar que em nenhum outro país latino-americano esse processo de reversão e subversão tem sido experienciado, de modo tão ostensivo, como no Chile. Forjada pelo primeiro presidente eleito depois do fim da ditadura, a “medida do possível” é, literalmente, a figura que deforma e dá forma à democracia chilena.

## 2 A democracia não é uma dádiva gratuita

No dia 21 de maio de 1990, Patricio Aylwin comparecia ao Congresso Nacional para inaugurar, depois de dezessete anos de autoritarismo, a 320ª Sessão Legislativa Ordinária. Nesta ocasião histórica, o recém-eleito Presidente da República opta por abrir seu discurso evocando a ditadura pelo avesso: “Há 70 dias, nós chilenos vivemos novamente sob um regime democrático” (Chile, 1990, p. 2, tradução nossa).<sup>3</sup> Destacando os elementos que lhe parecem fundamentais – o sufrágio universal, a submissão às normas jurídicas e a garantia plena dos direitos e liberdades individuais –, Aylwin distingue o recém-instalado regime democrático como a “forma de convivência humana mais adequada à razão, ao progresso da civilização e à *nossa própria idiosincrasia nacional*” (Chile, 1990, p. 2, grifo nosso).<sup>4</sup> Pouco mais adiante, contudo, essa primeira definição – distanciada, burocrática e protocolar – é aglutinada a uma outra imagem de democracia:

*Um novo espírito impera na convivência nacional. O ambiente de confronto, desqualificação, ódio e violência que prevaleceu por tanto tempo, foi substituído por um ambiente de paz, respeito pelas pessoas, debate civilizado e busca de acordos. [...] ninguém pode negar seriamente que o Chile vive uma fase promissora de reunificação nacional. A lógica da guerra que dividia os chilenos em amigos e inimigos foi substituída pela lógica da paz, na qual*

<sup>3</sup> Todas as traduções do espanhol são de nossa responsabilidade. No original: “Desde hace 70 días los chilenos vivimos nuevamente bajo un régimen democrático”.

<sup>4</sup> No original: “la forma de convivencia humana más acorde con la razón, con el progreso de la civilización y con nuestra propia idiosincrasia nacional”.

*nos reconhecemos a todos como compatriotas, quaisquer que sejam nossas diferenças.* (Chile, 1990, p. 2-3, grifo nosso).<sup>5</sup>

A “nova e promissora realidade” – ele considera justo reconhecer em seguida – havia se tornado possível, em grande parte, “graças à disposição e à conduta responsável” daqueles que, como ele próprio, aceitaram as regras do jogo apesar de considerá-las injustas. Mas não só. Esse “ambiente de paz” se deve também – ele não deixa de salientar – “àqueles que acataram essas regras quando sua aplicação lhes foi adversa e se submeteram ao veredito cidadão” (Chile, 1990, p. 4).<sup>6</sup> Normalizando o fato de os responsáveis pela supressão da democracia terem se convertido em artífices legítimos do novo regime democrático, Aylwin caracteriza as reformas constitucionais – fruto do acordo firmado pelos partidos da *Concertación* com o “governo da época” – como um “acontecimento auspicioso” (Chile, 1990, p. 4). Mantendo latente o que evita nomear, o presidente avança e, enfim, sugere que olhar excessivamente para um “passado que nos divide” acaba por turvar a imagem do “futuro que nos une”. O fortalecimento da “unidade nacional” dependia, portanto, de uma escolha consciente e coletiva: “deixemos que a história julgue o que ocorreu e depositemos nosso entusiasmo nas tarefas que a Pátria agora nos exige para forjar o porvir” (Chile, 1990, p. 7).<sup>7</sup> Conjugando o realismo jurídico à figura metafísica de “um novo espírito que impera na convivência nacional”, o presidente *constrói* a realidade enquanto simula descrevê-la. Só depois de objetivar e suavizar o passado à exaustão, ele menciona pela primeira (e única) vez a palavra *ditadura*:

---

<sup>5</sup> No original: “Un nuevo espíritu impera en la convivencia nacional. Al clima de confrontación, descalificaciones, odios y violencia que prevaleció por tanto tiempo, ha sucedido un ambiente de paz, respeto a las personas, debate civilizado y búsqueda de acuerdos. [...] nadie puede seriamente negar que Chile está viviendo una etapa promisorio de reencuentro nacional. La lógica de guerra que dividía a los chilenos en amigos y enemigos ha sido superada por la lógica de la paz, en que todos nos reconocemos como compatriotas, cualesquiera que sean nuestras diferencias”.

<sup>6</sup> No original: “a quienes acataron esas reglas cuando su aplicación les resultó adversa y se sometieron al veredicto ciudadano”.

<sup>7</sup> No original: “Dejemos a la historia que juzgue lo ocurrido y pongamos nuestro afán en los quehaceres que la patria ahora nos reclama para forjar el porvenir”.

Reiteradamente temos dito que *queremos conservar o que é bom, corrigir o que é ruim e aperfeiçoar o que é regular*. Isso nos exige, obviamente, precisar qual é o mal que nos propomos corrigir. [...] Durante mais de dezesseis anos, aqueles que governaram o país viveram desqualificando diariamente seus antecessores e difamando seus adversários. Não os seguiremos nesse caminho. Não vamos turvar o ambiente de reconciliação que queremos. Mas ninguém pode nos impedir de dizer a verdade sempre que acharmos necessário, com delicadeza e firmeza, como estamos fazendo. Ninguém pode se ofender porque se diz que houve uma ditadura no Chile; é apenas chamar as coisas pelo nome. (Chile, 1990, p. 8-9, grifos nossos).<sup>8</sup>

Sugerindo a reconciliação como uma espécie de imperativo inescapável, Aylwin encena um distanciamento para, sub-repticiamente, legitimar uma proximidade: furtando-se a qualificar como *ditadores* “aqueles que governaram por mais de 16 anos”, reivindica o direito vazio de “chamar as coisas pelo nome”. A contradição é, no entanto, apenas aparente: aquilo que o presidente quer poder chamar de ditadura não é o *processo* que – *via* tortura, assassinatos e desapareções – tornou possível a instauração de um sistema neoliberal austero marcado pelo vilipêndio moral e material, mas o que ele próprio converteu em pura abstração. Quando o passado traumático é reduzido à imagem fugidia de um “ambiente de confronto”; quando a violência institucionalizada é simplificada e descrita – de modo quase infantil – como uma “lógica de guerra que dividia os chilenos em amigos e inimigos”, a ideia de uma democracia fundada no esquecimento pode se tornar razoável. Oferecendo mínimas compensações, conciliando “a virtude da justiça

---

<sup>8</sup> No original: “Reiteradamente hemos dicho que queremos conservar lo bueno, corregir lo malo y perfeccionar lo regular. Esto nos exige, obviamente, precisar lo malo que nos proponemos corregir. [...] Durante más de dieciséis años, quienes gobernaron el país vivieron descalificando diariamente a sus predecesores y denigrando a sus adversarios. No los seguiremos en ese camino. No enturbiaremos el ambiente de reconciliación que queremos. Pero nadie puede impedirnos decir la verdad cada vez que lo estimemos necesario, con delicadeza y a la vez con firmeza, como lo estamos haciendo. Nadie puede ofenderse porque se diga que en Chile hubo dictadura; es tan sólo llamar las cosas por su nombre”.

com a virtude da prudência” (Chile, 1990, p. 13),<sup>9</sup> Aylwin reconfigura a imagem do passado para melhor aderi-la ao presente:

Para perseverar no caminho do desenvolvimento, os chilenos devem trabalhar, devemos ser empreendedores e disciplinados. Seria lamentável se, sob o pretexto de que a democracia chegou, o país caísse em uma atitude fácil de esperar tudo do Estado; que houvesse um clima de complacência ou relaxamento. No mundo de hoje, o Chile precisa ser competitivo. Isso requer imaginação e criatividade, mas também paciência e constância. Como nação, não podemos nos permitir cair em um estado de espírito pequeno e medíocre, onde a letargia dos espíritos prevaleça. *A democracia, o desenvolvimento e a equidade são desafios constantemente renovados e não dádivas gratuitas.* (Chile, 1990, p. 49, grifo nosso).<sup>10</sup>

Para além de deixar implícito o rastro de continuidade entre o passado ditatorial e o presente democrático, quando afirma que a “nova realidade” não é uma dádiva gratuita, o presidente fornece uma síntese do regime de visualidade que caracteriza a democracia chilena do pós-ditadura: um *modo de ver* o mundo que se perfaz instaurando invisibilidades. E, nesse sentido, a figura da “medida do possível” não poderia ser mais adequada.

Embora recorra à expressão apenas duas vezes, Aylwin não seleciona ao acaso os contextos (apresentados, vale dizer, de modo dissociado). Ainda que se esforce para suavizar o que essa expressão representa, delineando uma distância temporal considerável entre as

---

<sup>9</sup> No original: “conciliando la virtud de la justicia con la virtud de la prudencia”

<sup>10</sup> No original: “Para perseverar en el camino del desarrollo, los chilenos debemos trabajar, debemos ser emprendedores y disciplinados. Sería lamentable que, so pretexto de que llegó la democracia, el país cayera en una actitud fácil de esperarlo todo del Estado; que sobreviniera un clima de complacencia y de relajamiento. En el mundo de hoy, Chile necesita ser competitivo. Ello requiere de imaginación y creatividad, pero también de paciencia, austeridad y constancia. Como nación, no podemos permitirnos caer en un estado de ánimo empequeñecido y mediocre, donde predomine la lasitud de los espíritus. La democracia, el desarrollo y la equidad son desafíos constantemente renovados y no dádivas gratuitas”.

duas menções,<sup>11</sup> quando postos lado, os dois trechos deixam entrever o conteúdo estratégico dessa figura. Como se quisesse estabelecer de antemão até que ponto os militares deveriam ser responsabilizados pelos crimes que cometeram – isto é, antes mesmo que estes crimes fossem devidamente identificados – Aylwin lança mão da “medida do possível” para compor um conceito distorcido de justiça:

Em relação ao delicado assunto das violações dos direitos humanos, em consonância com minha reiterada afirmação de que a consciência moral da nação exige que *a verdade seja esclarecida, a justiça seja feita na medida do possível [...] e depois chegue a hora do perdão*, eu constituí a Comissão da Verdade e Reconciliação para avançar em direção a esses objetivos *de forma séria, pacífica e com as garantias necessárias* (Chile, 1990, p. 12-13, grifo nosso).<sup>12</sup>

Se nesse primeiro momento a “medida do possível” atua como uma espécie de barreira que bloqueia o passado no presente, na segunda vez em que é mencionada, a expressão realiza o oposto e funciona como um símbolo do encadeamento entre esses dois tempos. Depois de desvincular o projeto neoliberal instaurado pela ditadura civil-militar dos meios pelo quais ele pôde ser viabilizado, e flexibilizar o conceito de democracia até fazê-lo caber na lógica do projeto pinochetista, Aylwin retoma a expressão para fazer dela um correlato da subsidiariedade:<sup>13</sup>

Para o meu governo, o motor primordial do desenvolvimento nesta época de evolução do nosso país reside na empresa privada.

---

<sup>11</sup> Nos referimos ao fato de que, nesse discurso composto por quase 80 páginas, a expressão ser mencionada pela primeira vez no início e, pela segunda vez, quase ao final.

<sup>12</sup> No original: “En cuanto al delicado asunto de las violaciones a los derechos humanos, consecuente con mi reiterada afirmación de que la conciencia moral de la nación exige que se esclarezca la verdad, se haga justicia en la medida de lo posible [...] y después venga la hora del perdón, he constituido la Comisión de Verdad y Reconciliación para avanzar hacia esas metas en forma seria, pacífica y con las necesarias garantías.

<sup>13</sup> O “Estado subsidiário” é um modelo de Estado segundo o qual o governo desempenha um papel ativo na economia fornecendo subsídios e incentivos para empresas e setores específicos. Trata-se de uma forma de intervenção estatal na economia, mas com o objetivo de garantir o bom funcionamento do mercado. Esse modelo – no qual o Estado funciona como uma espécie de fiador do mercado, em vez de atuar na construção de políticas públicas – foi instaurado no Chile pela ditadura de Pinochet.



O papel do Estado experimentou uma redefinição. Isso não aconteceu apenas no Chile; é uma tendência mundial, que se manifesta hoje com grande vigor, mesmo nos países cujas economias eram, até ontem, planejadas. [...] Coerente com este critério, o Estado buscará regular a atividade dos mercados por meio de normas gerais, de aplicação universal, e abster-se-á de intervenções pontuais, erráticas e frequentes, cujo único efeito é desorganizá-los e introduzir elementos de ineficiência que, ao se acumularem, acabam por interromper o crescimento. Havendo imperfeições significativas ou ineficiência dos mercados na alocação de recursos, *interviremos por meio de medidas corretivas que, na medida do possível, deverão persistir apenas pelo tempo estritamente necessário.* (Chile, 1990, p. 50, grifos nossos).<sup>14</sup>

O movimento de Aylwin não é fortuito. Reduzir a ditadura civil-militar a um período marcado pela violência deliberada – ignorando as razões pelas quais essa mesma violência se tornou necessária – é um movimento imprescindível ao neoliberalismo pós-Pinochet. Como observa o economista Enrique Román, apagar o vínculo que esse modelo de desenvolvimento estabelece com sua origem autoritária é fundamental não só para viabilizar sua permanência, mas, sobretudo, para tornar palatável seu aperfeiçoamento:

A conversão do neoliberalismo em uma ideologia *leprosa*, que não deseja identificar-se com sua velha denominação, pretendendo assim evitar a rejeição que ela provoca, se deve em boa parte à má reputação que adquiriu a partir de sua modalidade de implementação no Chile. [...] Essa tem sido uma das mais

---

<sup>14</sup> No original: Para mi Gobierno, el motor primordial del desarrollo en esta época de la evolución de nuestro país reside en la empresa privada. El rol del Estado ha experimentado una redefinición. Ello no sólo ha sucedido en Chile; es una tendencia mundial, que se manifiesta hoy con gran vigor aun en aquellos países de economías hasta ayer centralmente planificadas. [...] Consecuente con este criterio, el Estado buscará regular la actividad de los mercados mediante normas generales, de aplicación universal, y se abstendrá de intervenciones puntuales, erráticas y frecuentes, cuyo único efecto es desorganizarlos e introducir elementos de ineficiencia que, al acumularse, terminan por detener el crecimiento. Si hay imperfecciones importantes o ineficiencia de los mercados en la asignación de recursos, intervendremos a través de medidas correctivas que, en la medida de lo posible, deberán persistir sólo por el tiempo que sea estrictamente necesario.

importantes razões pelas quais, tanto em nível nacional quanto internacional, o neoliberalismo entendeu que *precisava de um novo rosto (e um novo nome), que produzisse a ilusão de que suas propostas haviam mudado, sem que tivessem sido modificadas substancialmente* (Román, 2021, p. 62, negrito nosso).<sup>15</sup>

A “medida do possível” é, portanto, uma figura retórica que responde a uma dupla necessidade: para qualificar como “nova” uma realidade fundada sobre as mesmas bases daquela com qual declara romper, Aylwin precisa conceder um verniz de legitimidade ao projeto pinochetista; para postular a reconciliação como imperativo do presente, precisa silenciar tudo aquilo que o antecedeu. Reduzindo todo o passado democrático ao momento de sua ruptura, o presidente conclui seu discurso sem fazer qualquer referência ao período *pré-ditatorial*. Criticar os meios com ponderação e ignorar os fins com veemência até converter o irrealizável num correlato da própria realidade; é isto o que a “medida do possível” tem para oferecer:

*Como disse no início, me interessa o futuro e não o passado. É tão importante e bonita a tarefa que temos pela frente que seria um desperdício de tempo nos determos a examinar o passado. Essa será a tarefa da história. [...] Ao longo da história do país, o Chile se destacou por sua capacidade de resolver suas discordâncias e avançar no progresso pelos caminhos da razão e do Direito. Quando o país se afastou desse caminho, avançou à custa de muitos sacrifícios e sofrimentos que, com uma dose maior de sensatez, poderiam ter sido evitados. [...] Agora temos uma nova oportunidade, e a razão nos aconselha a tirar lições da experiência e saber aproveitá-las. [...] O governo, o Congresso Nacional, os tribunais de justiça, os partidos políticos, as organizações sociais, temos nesta etapa uma responsabilidade histórica: estar à altura do que o Chile tem o direito de nos exigir e nosso povo espera de nós. Conseguiremos isso na medida em que a sabedoria e a prudência*

---

<sup>15</sup> No original: “La conversión del neoliberalismo en una ideología *leprosa* que no desea identificarse con su vieja denominación pretendiendo así evitar el rechazo que ella provoca, se debe en buena parte a la mala reputación que adquirió a partir de su modalidad de implementación en Chile. [...] Esa ha sido una de las más importantes razones por la cual, tanto a nivel nacional como internacional, el neoliberalismo entendió que necesitaba un nuevo rostro (y un nuevo nombre), que produjese la ilusión que sus propuestas habían cambiado, sin que hubiesen modificado en lo sustancial”.

– e não as paixões, nem os egoísmos, nem os impulsos veementes  
– presidam nossa conduta (Chile, 1990, p. 80-81, grifo nosso).<sup>16</sup>

Limitar a imaginação circunscrevendo-a aos limites da prudência é, em última instância, uma estratégia pedagógica – da qual o realismo capitalista chileno lança mão – para instrumentalizar o esquecimento. Mas, se como nos lembra Fisher, a denúncia não basta, como configurar o enfrentamento a essa lógica que se sustenta via instrumentalização da fragilidade? Como combater um sistema que se fortalece cooptando as críticas a si mesmo? Como contestar o conteúdo ideológico de uma racionalidade formatada, justamente, para comercializar ao máximo as ideologias?

### 3 Operar pelo avesso, insinuar o impossível

Em 1998 a chilena Diamela Eltit escreve um ensaio para o segundo dossiê da revista *Encuentro XXI* dedicado a Salvador Allende. Este curto texto intitulado “Los estigmas del cuerpo” inicia-se com a leitura de *Tejas Verdes* (1974), livro no qual Hernán Valdés – escritor e intelectual chileno – narra, sob a forma de um diário, os vinte e nove dias em que esteve no campo de prisioneiros homônimo. Em que pese os inúmeros testemunhos que circulavam à época, enfatiza Eltit logo na abertura, o relato de Valdés destaca-se “porque sua epopeia, sua proclamação, sua reivindicação se passa e se articula *em e a partir de* materialidades

---

<sup>16</sup> No original: “Como dije al comienzo, me interesa el futuro y no el pasado. Es tanto y tan importante y hermoso el quehacer que tenemos por delante, que sería malgastar nuestro tiempo detenernos a escudriñar el pasado. Esa será tarea de la historia. [...] A lo largo de la historia patria, Chile se distinguió por su capacidad para resolver sus desacuerdos y avanzar en el progreso por los caminos de la razón y del Derecho. Cuando el país se apartó de ese camino, avanzó a costa de muchos sacrificios y sufrimientos que, con mayor dosis de sensatez, podrían haberse evitado. [...] Ahora tenemos una nueva oportunidad, y la razón nos aconseja sacar lecciones de la experiencia y saber aprovecharlas. [...] El Gobierno, el Congreso Nacional, los Tribunales de Justicia, los partidos políticos, las organizaciones sociales, tenemos en esta etapa una responsabilidad histórica: estar a la altura de lo que Chile tiene derecho a reclamarnos y nuestro pueblo espera de nosotros. Lo conseguiremos en la medida misma en que la sabiduría y la prudencia -y no las pasiones, ni los egoísmos, ni los impulsos vehementes- presidan nuestra conducta”.

corporais” (Eltit, 1998, p. 132, grifo nosso).<sup>17</sup> É o padecimento cotidiano, cuja máxima expressão é a ausência completa de intimidade, que ocupa o centro dessa narrativa. Como se dissesse que o corpo aprisionado é indissociável do ambiente que o encerra, Valdés descreve em detalhes o *modo* como a degradação contínua do espaço provocava uma deformação progressiva do sujeito:

O espaço, sempre insuficiente para conter os prisioneiros, começa a ser vislumbrado como um cerco ao corpo, *como um atentado aos rituais privados do sujeito*. [...] Desaprender comportamentos corporais, colocar o corpo em um território de ninguém, compartilhar suores, exalações, renunciar especialmente ao pudor, ou seja, renunciar à cultura com a qual se dota o próprio corpo, retroceder toda uma tradição higiênica que dita a assepsia corporal para coexistir coletivamente com o mais arcaico, como a sujeira, o cocô, a urina, *conviver amontoado com os outros como um, como qualquer um, como ninguém, como nada* (Eltit, 1998, p. 132, grifo nosso).<sup>18</sup>

É pelo fato mesmo de centrar-se nesse processo de apagamento da subjetividade – Valdés chega, inclusive, a declarar que a fome, a sujeira, os excrementos e as múltiplas formas de privação eram métodos de punição mais torturantes que a própria tortura – que esse testemunho ilumina dado fundamental: “*como se leva a diante um amplo processo de desaprendizagem*” (Eltit, 1998, p. 132, grifo nosso).<sup>19</sup> Como se dissesse que a destruição só pode ser compreendida por meio da remontagem do que foi destruído, a autora toma como ponto de partida esse ostensivo

<sup>17</sup> No original: “porque su épica, su proclama, su reclamo, pasa y se articula en y desde materialidades corpóreas”.

<sup>18</sup> No original: “El espacio siempre insuficiente para contener a los prisioneros, se empieza a vislumbrar como un cerco al cuerpo, como un atentado a los rituales privados del sujeto. [...] Desaprender las conductas corporales, situar al cuerpo en un territorio de nadie, compartir los sudores, las exhalaciones, renunciar especialmente al pudor, es decir, renunciar a la cultura con la que se dota el propio cuerpo, retroceder toda una costumbre higiénica que dicta la asepsia corporal para llegar a coexistir de manera colectiva con lo más arcaico como es la suciedad, la caca, los orines, convivir hacinadamente con los otros como uno, como cualquiera, como nadie, como nada”.

<sup>19</sup> No original: “cómo se lleva adelante un amplio proceso de desaprendizaje”.

processo de apagamento (do qual o relato de Valdés é a expressão extrema), para realizar seu oposto:

A reedição deste livro no Chile pela editora Lom<sup>20</sup> nos leva de volta a um tempo que até hoje permanece oscilando em meio a uma grande ambigüidade. Agora, quando se completam 25 anos do golpe de Estado no Chile, esse tempo é reposto como trauma, disputa ou silêncio. Existe, sem dúvida, uma impossibilidade de ler e estabelecer um exercício lúcido de memória por parte da sociedade chilena como um todo. Não basta apenas atribuir esse silêncio e essa ostensiva dificuldade à implantação do modelo neoliberal e à hegemonia do mercado e do capital, ou aos enclaves fascistas que persistem abertamente na transição à democracia. É preciso pensar *no que esse silêncio silencia*. (Eltit, 1998, p. 133, grifo nosso).<sup>21</sup>

Embora seja múltiplo e repleto de matizes, escreve Eltit, é a figura de Salvador Allende – presidente deposto pelo golpe militar –, que parece ordenar esse sacrifício da memória. Mas não por acaso. Liderando um processo revolucionário, a um só tempo socialista e democrático, Salvador Allende abriu, na geografia do sensível, uma outra possibilidade de existência durante os mil dias em que esteve à frente do país. Naquele momento os corpos populares conquistavam um protagonismo inédito: ocupando os espaços públicos com legitimidade, desafiavam o destino histórico ao qual suas presenças foram relegadas e imprimiam no território sua ética e sua estética. O corpo-trabalho passava de objeto a sujeito e, “apoderando-se das imagens para exercer

---

<sup>20</sup> Aqui, vale mencionar que, embora sua primeira publicação tenha ocorrido em Barcelona no ano de 1974 – mesmo ano em que foi escrito –, *Tejas Verdes* só seria editado no Chile 22 anos depois, em 1996.

<sup>21</sup> No original: “La reedición de este libro en Chile por editorial Lom nos devuelve a un tiempo que hasta hoy permanece oscilando en medio de una gran ambigüedad y que ahora, cuando se cumplen 25 años del golpe de Estado en Chile, se repone como trauma, como disputa o bien como silencio. Existe, sin lugar a dudas, una imposibilidad de leer, de establecer un ejercicio lúcido de memoria por parte del conjunto de la sociedad chilena. No basta solamente adjudicar este silencio, esta ostensible dificultad a la implantación del modelo neoliberal y a la hegemonía del mercado y del capital o bien a los enclaves fascistas que persisten abiertamente en la transición a la democracia sino más bien pensar en qué silencia este silencio”.

*desde si mesmo* seu próprio relato público” (Eltit, 1998, p. 134, grifo nosso),<sup>22</sup> já não compunha a paisagem social como mera infraestrutura. Resguardado por novos parâmetros simbólicos, continua a Eltit, o mundo popular (com sua energia “impura”) questionava a legitimidade das trincheiras desenhadas pela concentração de renda e voltava cisão do espaço urbano contra si mesmo. Evidenciando sua expressividade numérica, esses corpos ironizavam “publicamente os tiques de uma burguesia que, pela primeira vez, era revelada por uma reconstrução paródica e política, aberta e legitimada por seu ‘outro’” (Eltit, 1998, p. 134).<sup>23</sup> Pluralizando os discursos, mestiçavam a paisagem social; rompendo com a hegemonia do “bom gosto”, superpunham-se, com um estatuto social prestigioso, a uma longa tradição política branca, racista e classista. No dia 11 de setembro de 1973, contudo, esse ambiente é alterado radicalmente:

Com a morte de Salvador Allende dentro do Palácio de *La Moneda*, foi iniciada a violenta maquinaria de um poder destrutivo contra as antigas instituições. E é esse mecanismo, sua violência e sadismo, aquilo que o livro *Tejas Verdes* vai relatando desde um lugar narrativo excepcional, ou seja, **a instalação de um poder que, em uma de suas bordas, buscava selar e fechar as marcas do passado.** A partir desse momento, de maneira programada e aparentemente irreversível, reaparece o rebaixamento do sujeito popular do espaço público: rebaixamento de sua estética, de sua política, de sua ética, de seus discursos. Os corpos populares foram progressivamente erradicados do espaço público. **Uma erradicação que atravessa o fim da ditadura para dar lugar, com uma força inexplicável, ao domínio da cultura de classe, à hegemonia de uma burguesia econômica que vem se erigindo como única e intransferível graças ao forte apoio de diversos estamentos políticos e dos pactos firmados nestes oito anos de transição democrática** (Eltit, 1998, p. 134-135, negrito nosso).<sup>24</sup>

<sup>22</sup> No original: “se apoderaba de las imágenes para ejercer desde sí mismo su propio relato público”.

<sup>23</sup> No original: “públicamente los tics de una burguesía que, por primera vez, resultaba develada em uma abierta y legitimada deconstrucción paródica y política realizada por su “outro”.

<sup>24</sup> No original: “Con la muerte de Salvador Allende en el interior del Palacio de la Moneda, se puso en marcha la violenta maquinaria de un poder destructivo en contra

Eltit transita entre essas três temporalidades – resgatando do interior de cada uma delas pontos de silêncio – para reatar os fios que unem o passado ao presente. O movimento nos parece potente porque é justamente a imagem formada por esse entrelaçamento que oportuniza à autora realizar um duplo movimento. Por um lado, a costura desses fragmentos de história lhe permite recompor o conteúdo estratégico-operacional da ditadura civil-militar; por outro, lhe possibilita desenhar, no avesso desse tecido, a figura de um outro passado. Quando recupera o projeto da revolução interrompida pelo golpe em sua dimensão afetiva; quando traz para o centro do debate as profundas transformações que o governo de Salvador Allende havia produzido nas sensibilidades populares; quando, enfim, confronta esse contínuo silenciamento revirando-o pelo avesso, Eltit não só recoloca a memória do passado em disputa como, também, abre uma fenda no presente:

Nesse sentido, a figura de Salvador Allende é conflituosa e desconfortável, pois qualquer análise ou memória da época da Unidade Popular necessariamente implica uma revisão do mundo popular e sua participação nos espaços sociais. Esse parece ser uma importante vertente do esquecimento, a grande manobra

---

de las antiguas instituciones. Y es ese mecanismo; su violencia, su sadismo, lo que el libro “Tejas Verdes” va relatando desde un lugar narrativo excepcional, es decir, nada menos que la instalación de un poder que en uno de sus bordes buscaba sellar y clausurar las marcas de un pasado. Y es a partir de ese momento cuando programadamente, y de manera que hoy parece irreversible, resurgió la relegación del sujeto popular del espacio público: relegación de sus estéticas, sus políticas, sus éticas, sus discursos. Los cuerpos populares fueron, de manera progresiva, erradicados del espacio público. Una erradicación que atraviesa el término de la dictadura, para dar cabida, con una fuerza inexpresable, al dominio de la cultura de clase, a la hegemonía de una burguesía económica que se ha ido erigiendo como única e intransferible, gracias a una fuerte apoyatura en los distintos estamentos políticos y los pactos que han conducido, en los últimos ocho años, la transición democrática. “Es, a partir de ese momento, cuando resurgió la relegación del sujeto popular del espacio público: relegación de sus estéticas, sus políticas, sus éticas, sus discursos. Los cuerpos populares fueron, de manera progresiva, erradicados del espacio público. Una erradicación que atraviesa el término de la dictadura, para dar cabida, con una fuerza inexpresable, al dominio de la cultura de clase, a la hegemonía de una burguesía económica que se ha ido erigiendo como única e intransferible, gracias a un fuerte apoyo en los distintos estamentos políticos y los pactos establecidos en estos ocho años de transición democrática”.

política sobre a qual se estabeleceu o consenso que nos rodeia hoje. Esquecer esses corpos, enterrar suas estéticas, despojá-los de poder e reduzir até a exaustão suas magras economias *mediante a superposição da estrutura burguesa como o único modelo possível de uma forma de habitar*. (Eltit, 1998, p. 135, grifo nosso).<sup>25</sup>

Restituindo ao corpo do território não apenas o rastro de sangue e de morte que lhe estrutura, mas também, a lembrança daquilo que o presente pactuado precisa encobrir para se manter de pé, Eltit caminha na contramão do realismo para desvelar o que ele tem de irreal: somente via instrumentalização do esquecimento, a razão neoliberal pode sugerir “a medida do possível” como um correlato da democracia. Se, como nos lembra Fisher, o poder do realismo capitalista “deriva, em parte, da maneira pela qual ele *resume e consome toda a história anterior*” (Fisher, 2020, p. 12, grifo nosso), então, seu enfrentamento só pode se dar via elaboração de seu contrário. É isto que a leitura histórica de Eltit parece dizer: para reconfigurar o presente é preciso reimaginar o passado. Não há resistência sem memória coletiva.

## Referências

CHILE. Legislatura n° 320. Sesión del Congreso Pleno, en lunes 21 de mayo de 1990. Discurso proferido por Patricio Aylwin. Santiago, Chile: Cámara dos Deputados do Chile, 1990. Disponível em: <[https://www.camara.cl/camara/doc/archivo\\_historico/21mayo\\_1990.pdf](https://www.camara.cl/camara/doc/archivo_historico/21mayo_1990.pdf)>. Acesso em: maio 2023.

ELTIT, Diamela. Los estigmas del cuerpo. *Encuentro XXI*, Santiago de Chile, ano 4, n. 13, p. 132-135, setembro 1998. Disponível em: <<https://www.socialismo-chileno.org/PS/sag/biografia/homenajes/EncuentroXXI.pdf>>. Acesso em: maio 2023.

---

<sup>25</sup> No original: “En este sentido, la figura de Salvador Allende resulta conflictiva, incómoda, pues cualquier análisis, toda memoria de la época de la Unidad Popular, necesariamente implica una revisión del mundo popular y su participación en los espacios sociales. Y eso parece ser una gran vertiente del olvido, la gran maniobra política sobre la que se ha establecido el consenso que hoy nos rodea. Olvidar esos cuerpos, enterrar sus estéticas, despojarlos de poder y reducir hasta la extenuación sus magras economías mediante la superposición de la estructura burguesa como el único modelo posible de una forma de habitar”.



FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

ROMÁN, Enrique. *El neoliberalismo em Chile: desde el arribo de los Chicago Boys hasta el triunfo del NO – 1960-1990*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2021

Recebido em: 31 de maio de 2023.

Aprovado em: 18 de agosto de 2023.